

E vamos satisfeitos, creiam todos, porque, como aquêles colonos del Rei de que falava o jesuíta do púlpito da igreja de Santo Alexandre, o que vimos nos impressionou de de tal modo, que jamais nos sairá do espírito e do coração”.

Pela Assembléa de Estatística falaram os Srs. GASTÃO QUARTIM PINTO DE MOURA,

representante do Ministério do Trabalho, e FILIPE NÉRI, representante do estado da Bahia em nome da representação regional.

Por fim falou o embaixador MACEDO SOARES, ressaltando o significado dos resultados obtidos durante o funcionamento das Assembléas Gerais de 1950.

Seminário sôbre o ensino da Geografia e a compreensão internacional promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (U.N.E.S.C.O.)

O seminário reuniu-se de 12 de julho a 23 de agosto, do corrente ano, tendo por sede o Macdonald College (dependência da Universidade McGill), situado a cerca de 30 quilômetros de Montreal, junto à vila franco-canadense de Sainte Anne de Bellevue.

Participaram dos trabalhos 44 geógrafos, professores de Geografia e pedagogos, representando 23 países. A direção geral do seminário foi confiada pela UNESCO ao Prof. CARLOS M. DELGADO DE CARVALHO, (da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto de Educação; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, diretor da Secção Cultural deste mesmo Conselho).

Participaram do seminário, como representantes do governo brasileiro designados pelo Ministério da Educação e Saúde os professores HILGARD O'REILLY STERNBERG (das Faculdades Nacional e Católica de Filosofia e do Instituto Rio Branco; consultor técnico do Conselho Nacional de Geografia) e FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA (do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação; membro do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia e membro do Conselho Nacional de Educação). Também participou dos trabalhos do seminário, o professor JORGE ZARUR (do Conselho Nacional de Geografia; secretário-geral da Comissão de Geografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História).

O programa do seminário, em sua forma final, previu duas séries de grupos de estudo, a saber:

Série A — Estudo do ensino da Geografia por grupos de idade.

Grupo I : crianças de 5 a 8 anos;

Grupo II : crianças de 8 a 12 anos;

Grupo III: preadolescentes;

Grupo IV: adolescentes;

Grupo V : formação de professores;

Série B — Estudo dos principais aspectos do ensino da Geografia.

Grupo I : Geografia e compreensão internacional;

Grupo II : A Geografia e as Nações Unidas;

Grupo III: Programas, métodos, horários, verificação da aprendizagem;

Grupo IV: Material didático;

Grupo V : Informação profissional e científica dos professores em exercício.

Os temas, desenvolvidos nas reuniões de grupo, convenientemente completadas pelo trabalho individual dos participantes, foram debatidos nas reuniões gerais. A título de exemplificação, reproduzem-se a seguir os planos gerais de trabalho elaborados para três dos dez grupos de estudo.

Série A — Grupo IV: Ensino da Geografia a alunos de 15 a 18 anos.

Chefe do grupo: ROBERT FICHEUX, professor de Geografia no Lycée Carnot (Paris); autor do livro *L'Enseignement de la Géographie; Quelques Conseils et Sugestions* (Volume VII da coleção “Vers la Compréhension Internationale”, publicada pela UNESCO), o qual serviu de base para o debate de uma parte dos tópicos ventilados no seminário.

1. *Documentação sôbre o assunto.*

Como é organizado e repartido o ensino da Geografia nas diversas categorias de esta-

becimento de ensino para alunos desta idade. Crê que esta organização satisfaz? O ensino da Geografia é obrigatório ou facultativo? No caso de ter sido suprimido "procurar" as razões.

2. Há, no entanto, necessidade e interesse em prolongar este ensino entre alunos mais adiantados.

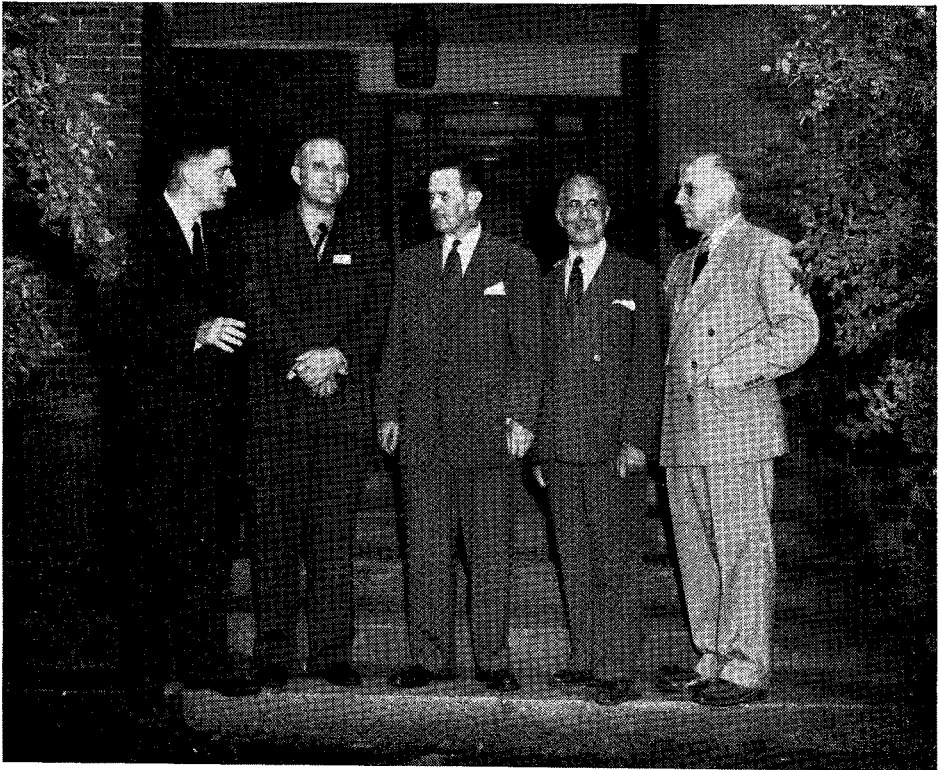
a) Há aspecto da Geografia, tanto de Geografia Física como Humana, Econômica, Social ou Política, que somente alunos mais velhos podem compreender.

b) A esses cidadãos de amanhã, é necessário dar uma preparação mais de acordo com seus deveres e responsabilidades cívicas.

c) Deve-se desenvolver o sentido de solidariedade internacional entre aqueles que experimentam as primeiras tentações da vida política nacional.

3. Ora, estes estudantes sofrem ainda nesta idade importantes transformações fisiológicas, mas, sobretudo, mentais.

Tentar analisar a mentalidade desses jovens.



Um grupo em frente do Clube de Professores do Colégio Macdonald em Ste. Anne de Bellevue, onde se realizou o seminário. Da esquerda para a direita, o professor HILGARD O'REILLY STERNBERG, delegado do governo brasileiro; professor NEVILLE VINCENT SCARFE, delegado da UNESCO; senhor MARC BOYER sub-ministro de Minas e Reconhecimentos Técnicos do Canadá; professor CARLOS DELGADO DE CARVALHO, diretor do seminário; e FRANK E. SORENSEN, da Universidade de Nebraska.

(Foto National Film Board)

Independência de atitude e de espírito. Tendência a desdenhar aquilo que foi feito antes deles. Mistura de afetividade e de racionalismo. Tendência a tomar resoluções afoitas, empíricas. Atitude das moças e dos rapazes.

4. Daí o dever de lhes fornecer bases geográficas mais sólidas e hábitos de métodos e de trabalho; verdadeira preparação do adulto.

a) mostrar-lhes, por exemplos precisos e por trabalhos práticos apropriados, como se elabora e progride a ciência geográfica.

b) Exame crítico das fontes de informação.

c) Programas: Geografia geral? Estudo de estados ou de grupamentos de estados? Estudos de complexos geográficos (demografia; maior lugar dado a este setor da Geografia Humana); parte a dar à Geografia

Física, Humana, Econômica, etc. Na Geografia Econômica insistir sobre a ação do homem, as trocas, a função da moeda, etc. mais que sobre a simples questão da produção. Organismos comerciais e seus efeitos (cartéis, *pools*, *trusts*) internacionais.

Parte deste programa destinado às moças e aos rapazes segundo suas necessidades.

d) horário a prever para estes cursos e emprego do tempo.

e) Importância do número de alunos na classe.

5. *Métodos de ensino apropriados a estas idades.*

Aulas *ex-cathedra* ou debates (aprender a falar claramente em público) palestras de alunos. Trabalhos práticos: trabalhos manuais, resumo e exposições orais, trabalho de equipe no preparo de monografias.

6. *Verificação da aprendizagem.*

Testes para conhecer a eficiência do ensino. Influência da verificação (exames) sobre o ensino geográfico. Se deve haver exames, onde e como devem ser realizados? Valor prático destes exames: exigência da vida e do mercado do trabalho.

7. *Sugestões propostas pelo Grupo V.*

Série A — Grupo V: *Preparo dos Professores.*

Chefe de Grupo: OMER TULIPPE, professor de Geografia da Universidade de Liège; secretário do Comitê Nacional de Geografia da Bélgica.

1. *Origem* social dos futuros professores primários e secundários. Seus estudos preparatórios. Os exames ou diplomas exigidos à entrada nas escolas que preparam os professores primários e os secundários.

2. *Preparação propriamente dita.*

Deve-se considerar separadamente (1) o caso do professor primário — e eventualmente também aquele do professor da escola média ou escola primária superior — porque sua formação os habilita a ensinar muitas disciplinas entre as quais a Geografia poderia ter uma parte mínima; (2) o caso do professor de ensino secundário para o qual a Geografia é ou deveria ser a preocupação dominante.

a) Onde se realiza esta preparação? Escolas Normais, Universidades, Escolas Especiais, Seminários Pedagógicos.

b) Quem prepara? Programas e horários. Parte dada à preparação científica geográfica e parte dada à metodologia teórica da Geografia e à preparação prática do en-

sino da Geografia. Parte dedicada à psicologia, à natureza e às aptidões dos alunos. Distinção entre moças e rapazes. Métodos empregados, organização e equipamento da classe de Geografia, exercícios práticos, palestras pelos alunos, excursões, etc.

c) Os exames e os testes de eficiência.

d) Até que ponto é necessária uma preparação especial e é ela necessária para os professores de ensino técnico, profissional e comercial?

3. Resumos e *mises au point* de sugestões ou propostas concretas sobre estes diversos pontos.

4. Que se faz na preparação de professores em relação à compreensão internacional?

a) Recapitulação dos princípios do ensino da Geografia a serviço da compreensão internacional. (Ver Série B, Grupo I).

b) Conselhos práticos aos professores relativamente à sua posição diante dos obstáculos à compreensão internacional. Necessidade de considerar separadamente o aluno-mestre normalista e universitário.

5. O recrutamento dos professores. Exames exigidos para a entrada na carreira.

6. A posição material e social do professor de Geografia.

Série B — Grupo II: *A Geografia e as Nações Unidas.*

Chefe de Grupo: FRANK SORENSEN, professor de Geografia da Universidade de Nebraska.

1. Os participantes inicialmente trocarão experiências que tiveram com as Nações Unidas e suas agências especializadas.

2. A seguir será cuidadosamente analisado um estudo das principais funções e programas de várias organizações internacionais, estudo este recentemente feito pelo chefe de Grupo. Os resultados deste estudo indicam a necessidade de um novo ponto de vista no ensino da Geografia.

3. Uma organização internacional — Organização Internacional de Aeronáutica Civil — situada em Montreal será visitada a fim de que seu programa seja criticamente examinado do ponto de vista do ensino da Geografia.

4. A vasta literatura sobre a natureza e trabalho de várias organizações internacionais será cuidadosamente estudada com dois objetivos em vista:

a) dar a cada participante informações adicionais sobre as organizações e

b) permitir a cada participante selecionar aquele material que lhe possa ser útil no ensino da Geografia.

5. O material especial, auditivo e visual, que resultou do trabalho das Nações Unidas e suas agências especializadas, será examinado criticamente numa tentativa de selecionar material didático adequado ao uso dos professores de Geografia.

6. Serão considerados planos para inclusão no ensino da Geografia de tópicos apropriados resultantes do trabalho das Nações Unidas.

Além das reuniões gerais e dos dez grupos de estudo que se congregavam diária-

mente, promoveu-se uma série de sessões de cinema educativo (geralmente duas por semana), onde, à noite, sob a liderança de NEVILLE V. SCARFE (chefe do Departamento de Geografia do Instituto de Educação da Universidade de Londres e especialista em material didático), o material apresentado era submetido a minucioso exame crítico, debatendo-se normas para a confecção de filmes e dispositivos adequados. Vale notar que um dos filmes apresentados — versando aspectos antropogeográficos do inverno no Canadá — é realização de um estudante da Universidade Laval, Quebec, discípulo do Prof. PIERRE DEFFONTAINES.



Um grupo de participantes discute a exposição de material didático organizada durante o Seminário. Da esquerda para a direita, professor FRITZ-JEAN QUICKE, da Universidade de Gand Bélgica; professor HILGARD O'REILLY STERNBERG, delegado do governo brasileiro; professor MUTSUMI HOYANAGI, secretário do Ministério de Educação do Japão; professor ELEAZAR HATALMI, diretor de escola secundária em Jerusalém, Israel.

(Foto National Film Board)

Foi reservado um recinto para a realização de diversas exposições, que se sucediam de semana em semana. Um dos temas de exposição foi, por exemplo, "Mapas Murais e Globos"; outro, "O Uso de Fotografias no Ensino da Geografia", sendo que nesta exposição houve uma contribuição brasileira,

representada pelo material fotográfico colhido pelo professor HILGARD O'REILLY STERNBERG.

Além da biblioteca do Macdonald College, que ficou à disposição dos participantes, a UNESCO constituiu, com a colaboração de diversas universidades e associações profes-

sionais, que emprestaram seus livros, uma biblioteca especializada sobre o ensino da Geografia.

Como parte integrante das atividades do seminário, foram realizadas várias excursões, que visaram o duplo objetivo de (1) permitir aos participantes conhecer algumas regiões típicas do país que os hospedou e (2) ensinar maior aproximação entre os membros do seminário. As excursões efetuadas foram as seguintes:

22 a 23 de julho: Excursão a Ottawa.

27 de julho: Excursão a Stanstead e visita à sede do curso de férias de Geografia.

3 a 6 de agosto: Excursão a Toronto e quedas do Niágara.

12 e 13 de agosto: Excursão a Quebec, às quedas de Montmorency e ao Santuário de Sainte-Anne de Beaupré.

15 de agosto: Visita a Montreal e viagem fluvial pelo pôrto de Montreal.

24 a 29 de agosto: Visita a Washington e Lake Success, sob o patrocínio da National Education Association dos E. U. A.

Atividades geográficas do Conselho Nacional de Geografia

Houve, no correr da X Assembléia Geral do Conselho, realizada em setembro do corrente, duas palestras sobre as atividades do C.N.G. nos campos da Cartografia e da Geografia. Uma foi levada a efeito pelo Prof. ALÍRIO DE MATOS, e a outra, cujo texto vai publicado em seguida, foi pronunciada pelo Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES.

“Senhor presidente, senhores delegados regionais e federais, senhoras, senhores:

Não se trata de uma conferência. Aliás o programa fala mesmo em palestra. O título, porém, de “Atividades geográficas do C.N.G.” sugere qualquer coisa assim como um relatório. Desejo contudo, tranqüilizar os ouvintes. Procurarei fazer o menos possível um relatório; fazer de fato uma palestra, não sobre as atividades, em série, que o Conselho tem realizado, mas sobre o gênero de atividades que tem desenvolvido. Aliás não falarei de todo o Conselho de Geografia, mas apenas de sua Secretaria-Geral, pois que as atividades dos órgãos regionais serão muito mais apropriadamente relatadas pelos próprios delegados regionais.

1. Geografia e Cartografia

Preliminarmente, como constam do programa duas palestras — uma, sobre as atividades geográficas do Conselho, outra, sobre suas atividades cartográficas, poderá haver alguma estranheza. Com efeito, se o Conselho é de “Geografia”, poderia parecer que tais “atividades geográficas” correspondem a tudo que o Conselho faz; no entanto, a existência de uma segunda palestra sobre

“atividades cartográficas” indica que a primeira não tratará de tudo aquilo que faz o Conselho, mas sim apenas de uma parte e ainda que há uma distinção a fazer entre Geografia e Cartografia.

Tudo isso provém de dois sentidos dados à palavra “Geografia”: um amplo e um restrito. Realmente, *latu sensu*, e também no sentido tradicional — pelo menos até o princípio do século XIX —, a Geografia abrange a Cartografia. *Strictu sensu*, porém, e de acordo com o conceito moderno, as duas disciplinas são consideradas separadamente.

Essa distinção resultou simplesmente do grande desenvolvimento que tomaram as ciências geográficas, sobretudo no século passado, desde HUMBOLDT e RITTER, os dois fundadores da Geografia moderna. Tornou-se necessária uma divisão dos dois campos. Hoje em dia, em todos os centros científicos, principalmente nas Universidades dos Estados Unidos e da Europa, distinguem-se nitidamente as duas disciplinas. Como exemplo, poderei citar as palavras de HARTSHORNE, um dos maiores mestres da metodologia geográfica moderna, que afirma categoricamente “não ser a Cartografia parte da Geografia, da mesma forma que a Estatística não é parte da Economia”. Quer a Cartografia quer a Estatística são instrumentos básicos de que outras ciências se valem.

Ficaram assim distintamente separadas as atividades de uma e de outra destas duas disciplinas. Cabe à Geografia aquela velha tarefa de descrever a superfície da terra, e também, de acordo com o sentido moderno,